

## Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella, n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs.  
a linha.  
Annuncios e communicados, a 50 rs.  
linha.  
Repetições ..... 25 rs linha.  
Annuncios permanentes 5 \*  
Folha avulso..... 40 reis

re-  
mum  
com-  
ha 9

## O POVO D'OVAR

## A DERROCADA

A *Vanguarda* publica o seguinte:

«Por noticias recebidas de Bissau sabe-se que o gentio papel da ilha não accieita as condições que lhe foram impostas pelo perdão dado pelo rei, o que prova bem a evidencia que foi o governo que lhe pedia perdão e não elles.

Todos sabem que no perdão dado aos papeis, no dia 10 de março de 1892, uma das clausulas era a seguinte:

«Que para além das muralhas da praça, zona de largura nunca inferior a 250 metros, não será permittida construcção alguma sem licença prévia do governo, para a qual não interviriam os ditos regulos. Para a demarcação da zona tomar-se-hão dois alinhamentos: um parallelo á linha que une o 2.º poilão em frente do Puama, ao poilão em frente do baluarte da Onça, o outro sensivelmente parallelo á parede do cemiterio mais afastado da praça, seguindo este ultimo alinhamento pela zona das mangueiras até encontrar a portaria que defronta com o fortim do Figuity.

«Quando o governo resolva construir qualquer obra adiante das muralhas com o fim de promover a expansão da villa de Bissau, póde estender a area da praça para o que os ditos regulos a ajudariam proporcionando trabalhadores que seriam pagos conforme se ajustar.»

Pois, em vista d'isto, no dia 20 de abril o engenheiro Barahona, acompanhado do administrador do concelho de Bissau, o valente e distincto official Zacharias de Sousa Lage, e o tenente Annibal Machado, sahiram fóra da praça para fazer as demarcações que já tinham sido medidas pelo conductor Pitta Vasconcellos, encontrando estes officiaes as estacas da demarcação todas arrancadas e apresentando-se o gentio como o seu regulo com maneiras arrogantes e atrevidas.

Chamado o regulo e perguntado sobre o assumpto, declarou que allí o governo não tinha accção alguma; que considerava simplesmente do governo a praça e nada mais, e que se o governo a quizesse, que só pelas armas seria entregue áquelle que ficasse vencedor; que pedia ao governo que tirasse os seus parentes e os negociantes de dentro da praça, deixando só lá a gente do governo para depois ver se elle entrava ou não dentro da praça de Bissau; que elle, regulo, tinha dito a todos que sim no perdão porque o interprete enganara o governo e mesmo o regulo d' Astula lhe disse por dizer a todos que sim, porque aquillo não passava do papel.

O regulo chegou a dizer ao

capitão Lage, agarrando-o pelo pulso e mostrando-lhe as covas feitas pelas estradas, que ali ninguém iria tomar os seus terrenos, que os seus antepassados os não tinham dado e que elle fazia a mesma coisa.

Em seguida a esta infamante provocação de guerra, o gentio levantou o seu mercado e não deixou trazer agua das fontes existentes fóra da praça.

Torna-se necessario e urgente abater o gentio ou abandonal-o, porque Bissau não tem as condições de defeza precisa; de contrario, teremos que lamentar algum massacre dentro da praça como o de Bolor e muitos outros. Na Guiné não ha força sufficiente para se bater o gentio e se da metropole não derem providencias, teremos que lamentar algum desastre.»

Em boa verdade tudo se está a esboçar. Assistimos a uma derrocada medonha.

Cá no paiz uma crise intensa difficulta atrozmente os meios de vida: o credito está perdido, mercê do modo desregrado como administramos as nossas finanças. Lá fóra as potencias estrangeiras roubam nos grandes traços de territorio, e, por sobre tudo isto, os regulos poderosos insurgem-se contra nós.

Contudo parece agora iniciar-se um movimento de reacção.

Vamos combatendo a crise, restringindo as necessidaes. Combatemos a crise financeira procurando não recorrer mais ao credito estrangeiro e fazendo as economias possiveis.

Mas não será possivel combater a derrocada colonial?

Talvez. Acalentemos essa esperanza e envidemos todos os esforços para que n'essas longuissimas paragens se mantenha intemerata a honra do nosso paiz.

Se é preciso dominar por uma vez esse gentio «papel» que já inflingiu no anno passado uma derrota ás nossas forças, para que não havemos de mandar contra elle um, dois ou mais dos nossos regimentos do continente? Que faz por ahi essa enorme caterva de soldados e officiaes, que gastam todos os annos á nação alguns milhares de contos de reis?

A nossa tropa tem apenas figurado em paradas, procissões e eleições; e a artilheria vae para Tancos fazer exercicios que custam rios de dinheiro.

A artilheria tinha um bello campo de exercicio na praça de Bissau em frente dos «papeis», lá tambem aprenderia a marchar e a ostentar o seu garbo a tropa de linha.

Já é tempo de dar aos nossos officiaes occasião de elles mostrarem a sua bravura e as suas boas qualidades.

Tel-os na inacção é um erro. Em vez de Tancos a Africa: em vez de paradas, eleições e procissões, as batalhas em honra da patria.

## Novidades

**Festividade.** — Festejou-se no domingo e segunda-feira o Santo Antonio na sua capellita da Praça.

No domingo, pela manhã, missa solemne e sermão: á tarde novena e outro sermão. Pela manhã orou o rev. padre José Augusto da Rocha e á tarde o snr. prior da Vaccariça.

Não ouvimos estes sympathicos oradores, mas informaram-nos de que os seus discursos foram bons e agradaram muito.

Tambem na segunda-feira se repetiram estas ceremonias, discursando dois oradores, cujos nomes ignoramos.

Ao fechar da noite de segunda-feira devia começar a iluminação, estando convidada para tocar durante uma parte da noite a philharmonica Ovarense.

Porém uma comissão de rapazes da Praça convidou tambem para tocar n'este logar a philharmonica Boa-União.

Logo que o snr. dr. Sobreira soube d'isto foi, com outros membros da confraria de Santo Antonio, apresentar ao snr. administrador do concelho um programma dos festejos, pedindo-lhe ao mesmo tempo que obstasse a que a philharmonica Boa-União viesse tocar á Praça.

Não sabemos o que o snr. administrador respondeu; mas o certo é que esta philharmonica foi intimada não só a não tocar na Praça, mas ainda a não tocar pelas ruas, sob o pretexto de que para tanto não tinha a competente licença.

Ora é de notar que até hoje, tendo servido na administração do nosso concelho, cavalheiros d'esta villa, nunca se exigiu a uma ou outra philharmonica qualquer licença.

A philharmonica Boa-União dirigiu-se em silencio para a Praça e, chegando ali, teve de se recolher em uma casa do sr. Bonifacio, onde principiou a tocar.

Finda a novena, sahiu da capella a banda Ovarense, e, ouvindo a Boa-União a tocar, o sr. Antonio Maria Valerio entendeu que devia abandonar o local. Nada mais rasoavel;—o sr. Valerio tem as suas incompatibilidades pessoas com o regente da outra banda de musica, e por isso desde que se sujeitou a perder o preço por que havia sido contractado pela irmandade, ninguém o poderia coagir a reger a sua banda. E igualmente correcto foi o procedimento dos seus socios, que, honrando o mestre, o acompanharam.

O que não podemos justificar em absoluto, é a medida violenta, embora legal, da auctoridade administrativa, tolhendo a liberdade da comissão que convidou a nova philharmonica; porquanto nem era de suppôr que houvesse a menor desordem, visto todos serem rapazes bem educados; e mesmo caso houvesse um princi-

pio de perturbação d'ordem publica, tinha o sr. administrador do concelho ás suas ordens a policia civil que facilmente reprimiria o menor desmando.

Havemos de concordar que ninguém tomou a serio o caso da licença, tanto mais que a philharmonica Ovarense não estava munida d'ella. Aceitamol-a como um *escapatorio*, imaginado para attender ao pedido do sr. Sobreira; e esse *escapatorio* era... legal.

Ora se o sr. administrador do concelho se podia justificar com o receio da alteração da ordem publica emquanto no local se achava a philharmonica Ovarense, essa justificação desaparecia desde o momento que o sr. Antonio Maria Valerio e seus socios se haviam retirado da Praça. Porém ainda depois d'isso o sr. administrador do concelho se negou a conceder a licença de a Boa-União vir para a Praça tocar. Nós que julgamos o sr. administrador um cavalheiro sensato e prudente no desempenho do seu cargo, estranhámos deveras que se deixasse tanto impressionar pelas alheias suggestões em que predominavam apenas os caprichos pessoas e uma boa dóse de amor proprio.

Logo que a philharmonica Ovarense se retirou, o sr. dr. Sobreira mandou, como juiz da irmandade, fechar a capella e apagar uma pequena parte da iluminação, que principiava a accender-se.

Com que direito é que se fez isto?

Diz-se que a meza da irmandade estava maguada com o procedimento das philharmonicas e por isso resolvera terminar a festa. Não acreditamos que a meza tal deliberasse—por certo a deliberação partiu d'um só, do que estava offendido no seu amor proprio.

Desde que a meza tinha apresentado á auctoridade administrativa o seu programma de festejos, não o podia alterar, a não ser no caso de força maior, que se não deu.

De mais, a meza não se compõe de individuos que se magoam, mas de entidades que são obrigados a cumprir com os seus deveres, porque caprichos ou magoas tem-no cada individuo mas á custa do seu bolso e não á custa do cofre das irmandades.

O sr. Sobreira nem podia, nem devia mandar fechar a capella e apagar a iluminação, visto que as despesas já estavam feitas; ou então cumpre-lhe indemnisar a confraria das despesas que não reverteriam em beneficio do publico.

Diz o dictado—«não se póde ser juiz com taes mordomos», porém aqui vale mais dizer-se—«não se póde ser mordomo com tal juiz.»

**Audiencia geral.**—Realisa-se no dia 28 do corrente mez a audiencia geral crime em que são reus o dr. Joaquim Soares

Pinto, Bernardo da Silva Vaccas, e Manoel Alves Ferreira, accusados o primeiro de encubridor e os segundos do crime de homicidio frustrado.

Ainda agora veio o «Ovarense» dizer que este processo representava uma perseguição politica. De quem?

Tanto não representa uma perseguição politica que se nós quizessemos os reus presos ainda não seriam agora julgados, continuando por isso na prisão. Bastar-nos-ia para isso fazer retirar algumas testemunhas d'accusação, o que nos seria facil, e até agora mesmo não deixar vir duas, que estão ausentes, á terra, porque sendo ellas importantes e não estando intimadas, o digno delegado do procurador regio ver-se-ia forçado a requerer o addiamento.

Mas nós é que não fazemos politica com processos do tribunal, nem mesmo os dignos magistrados consentiriam em tal. Sendo isto por todos reconhecido, as insinuações do «Ovarense» nem de leve tocam a reputação illibada do illustrado juiz e digno delegado da comarca.

O processo representa a perseguição d'um crime; porém o jury resolverá como entender, sem que a sua resolução affecte o anterior processado.

**Selvageria.**—Classifiquemos assim o crime para não empregar outro termo mais duro.

Na manhã de segunda-feira José Sapateiro viu em casa da snr.ª Antonia Maria de Jesus duas filhitas d'esta, uma das quaes, a mais velha, contava pouco mais de onze annos.

O selvagem pensando que facil e impunemente poderia saciar na mais velha os seus instinctos brutaes, entrou na casa a pedir uma escada. A pequena disse-lhe que podia ir buscar a escada ao quintal. O sapateiro foi, mas só para aproveitar a occasião de ver se os visinhos podiam presentir qualquer arruido.

Como julgasse a occasião azada, fechou a porta do quintal, fechou depois a da rua e em seguida atirou-se á pequena espancando-a brutalmente para que não gritasse. Mas a mais pequenita, vendo os maus tractos da irmã, principiou a gritar, o que fez com que acudisse a vizinhança.

Logo que os visinhos entraram, viram prostrada no chão, quasi sem folego, a creança mais velha e em pé o seu brutal aggressor.

Este foi pouco depois preso e conduzido á administração do concelho, sendo em seguida remetido para o tribunal judicial, por ordem do qual se acha preso nas cadeias d'esta villa.

Não é esta a primeira vez que José Sapateiro tenta commetter crime tão selvagem. Duas outras pequenas da mesma idade estiveram prestes a ser victimas.



O preso difficilmente encontrará quem seja seu fiador, porque o crime é de veras repugnante.

**Incendio.**— Terça-feira manifestou-se incendio em casa da familia de José Galliza, ardeu completamente o armazem que estava atulhado de lenha.

Ao primeiro signal de incendio accorreu muito povo que prestou soccorros, chegando tambem pouco depois a bomba municipal que evitou que o fogo se propagasse á casa da residencia.

—Na quarta-feira houve tambem começo do incendio do lado sul da costa do Furadouro, n'aquella parte que escapou do ultimo incendio.

Parcece que é praga que tem a costa. O fogo vae a pouco e pouco consumindo o que restava dos velhos palheiros.

Ora já começam muitos a desconfiar de tantos incendios, visto a indiferença dos pescadores em acudir ao ultimo. Talvez esses pescadores se persuadissem de que, se as suas barracas ardessem, lhes dariam palheiros bons. Não havia coisa melhor.

Bom será que todos tenham mais cautella, para evitar grandes prejuizos.

**Exame.**— Fez exame de geographia, ficando approved, o filho do nosso amigo snr. Francisco Rodrigues Pepulim.

Ao intelligente academico e sua familia damos sinceros parabens.

**A tiro.**— José Manoel da Graça Affieixo, da Carvalheira de Vallega travou-se de razões com Ventura Valente e palavra pucha palavra, pespegou-lhe um tiro indo toda a carga de chumbo ferir o Ventura n'um braço.

Só a *telha* pronunciadissima do Affieixo se pode attribuir semelhante facto, pois o Ventura (bem desventurado) está quasi paralytico.

Foi o crime participado em juizo e procedeu-se hontem a exame no queixoso. Provalvemente a pronuncia do Affieixo não se fará esperar.

**Festas.**— Segundo nos consta, não se farão as festas ao S. Pedro e Senhora do Parto, como haviamos anunciado.

A festa de S. João será feita com grande pompa.

**Boatos politicos.**— Brevemente inauguraremos no nosso jornal uma secção especial destinada aos *ditos*, que os *Cascas* de toda a qualidade e feitio por ahí propalam.

Alguns d'esses *ditos* são de veras engraçados e estão a merecer uma boa troça.

Levar a serios os *Cascas* quer de casaca quer de jaqueta seria um crime. Preferimos antes dar-lhes a consideração do ridiculo.

Para a primeira vez temos uma bella collecção, e d'aquí até lá ainda se arranjam mais.

## Litteratura

### O COFRE VOADOR

Era uma vez um negociante tão rico que poderia, se quizesse,

mandar calçar de moedas de ouro um largo, uma rua comprida e outra mais pequena da cidade onde morava; mas, não era n'isto que elle empregava o seu dinheiro: sabia aproveitá-lo muito melhor. Quando gastava uma libra, tinha a certeza de ganhar duas. D'esta maneira ia aumentando a riqueza, e acabava de concluir um negocio que devia render-lhe um milhão, quando morreu de repente.

Tinha um filho que foi o unico herdeiro d'estes thesouros. O rapaz vendo-se senhor de tanta riqueza, começou a imaginar como havia de gosal-a e levar uma vida divertida; todas as noites dava bailes esplendidos, para os quaes mandava fazer fatos riquissimos, que não vestia mais do que uma vez; fazia moinhos e papagaios de papel com notas do banco, e atirava moedas de ouro ao rio para ver os circulos que faziam na agua. Assim, apesar de possuir milhões, não podia deixar de se arruinar, e effectivamente, foi o que succedeu.

Um bello dia, o filho do negociante deitou contas ao dinheiro e viu que não possuia mais do que duas moedas de cobre; a respeito de fato, tinha um roupão e um par de chinellas. Os amigos não podendo apresentar-se com elle em publico, abandonaram-o; um d'elles que não era mau rapaz, mandou-lhe um cofre com as seguintes palavras: «Mette aqui a tua bagagem.»

Era bem pensado; mas o rapaz não tinha bagagem nenhuma. Lembrou-se por isso, de se metter elle proprio, no cofre.

Era extravagante o presente do amigo; quando lhe tocavam na fechadura levantava-se do chão, e começava a voar. O filho do negociante mexeu, por acaso, na fechadura; o cofre elevou-se, e, passando pela chaminé que, felizmente, era larga, subiu pelos ares, passou para cima das nuvens e dirigiu-se para o sul, atravessando reinos e imperios. O pobre do rapaz, cheio de susto, não se atrevia a fazer um movimento; ás vezes o fundo do cofre estava, que horror!... Se a madeira cedesse, que trambulhão! Só pensar n'isso faz arrepiar; imaginem o que sentiria o filho do negociante!

A final ascegou um pouco, e ordenou ao cofre que parasse; obdecendo immediatamente, a caixa maravilhosa desceu, e foi poisar no meio do bosque de palmeiras. Era o paiz dos Turcos, quando estes habitavam ainda no sul da Asia. Foi um caso feliz. O filho do negociante podia passear em publico de roupão e chinellas: todos andavam assim vestidos.

Depois de cobrir o cofre com um montão de folhas seccas, dirigiu-se para a estrada que ia tor á cidade. No caminho encontrou uma ama com uma creancinha.

—Menina, disse-lhe elle, de quem é aquelle palacio, que não tem janellas senão ao pé do telhado?

—E' da filha do nosso sultão respondeu a ama. Quando ella nasceu, uma fada predisse que um dos seus pretendentes havia de fazel-a muito infeliz. Foi por esse motivo que encerraram n'este castello, onde vive como n'uma prisão; ninguém pôde fallar-lhe

nem vel-a, quando o sultão e a sultana não estão presentes.

—Muito obrigado, pelas suas informações! disse o filho do negociante, e voltou para a floresta: ahí installou-se no cofre e ordenou-lhe que o levasse para cima do telhado do palacio. Chegando lá, partiu os vidros a uma das janellas, e entrou n'um salão magnifico onde estava a princeza.

A filha do sultão dormia profundamente, estendida n'um sophá e era mais formosa do que a lua cheia, como dizem no seu paiz; o filho do negociante, depois de a contemplar durante muito tempo beijou-lhe os dedos brancos e delicados. Ella accordou e ficou muda de espanto e de susto quando o viu; mas elle disse-lhe que era o deus dos Turcos e que atravessára ares e nuvens para a admirar; estas palavras lisongearam a princeza, que socegou immediatamente.

O filho do negociante, vendendo-a bem disposta, sentou-se ao lado d'ella, e disse-lhe que os seus olhos eram brilhantes e profundos como os lagos mais formosos e que se viam n'elles os pensamentos celestes nadando como se-reias; que a sua fronte era branca como a neve e tinha os mesmos reflexos brilhantes.

A princeza achava esta maneira de fallar muito agradável; elle, então, pediu-a em casamento, e obteve logo um *sim*.

Volta no sabbado, acrescentou ella; meus paes, o sultão e a sultana, veem n'esse dia tomar chá commigo. Com certeza vão ficar cheios de orgulho quando souberem que o meu noivo é o deus da gloriosa nação dos Turcos. Mas, como elles morrem por ouvir historias, se queres agradecer-lhes ainda mais, conta-lhe uma que seja bonita; minha mãe gosta das que são Moraes e proveitosas; meu pae prefere as que sejam alegres e façam rir.

—Pois *sim*, contar-lhes-hei uma historia, respondeu o filho do negociante, mesmo porque será esse o meu unico presente de noivado, além da honra que te faço, escolhendo-te para minha mulher.

A princeza, cada vez mais lisongeadada, deu-lhe um sabre com o punho de brilhantes, e uma bolsa cheia de peças de ouro, que vinham muito a proposito.

O feliz noivo despediu-se, tomou o seu vô, poison na floresta das palmeiras, e foi á cidade comprar um roupão de seda, novo, e chinellas bordadas a ouro; em seguida voltou á floresta e começou a imaginar uma historia; tinha apenas tres dias para a inventar e compôr; não era bastante mas enfim, com algum custo, conseguiu-o.

No sabbado mettu-se no cofre e voltou ao palacio; já lá estavam o sultão, a sultana, e toda a corte reunida á roda da princeza, que tinha anunciado a chegada do noivo. Quando elle entrou, todos o festejaram, cheios de admiração e alegria.

—Já sei que vae contar-nos uma historia, disse a sultana; espero que será composta de pensamentos profundos e instructivos.

—E não se esqueça de nos fazer rir um bocado, disse o sultão.

—A minha historia contentará a ambos, disse o filho do negociante. Ouçam bem:

«Era uma vez um pacote de

phosphoros, os quaes eram muito orgulhosos por causa da sua nobre origem. Descendiam d'um pinheiro antigo, que fôra, no seu tempo, o adorno da floresta. N'esta epoca estavam n'uma cosinha entre uma pederneira e uma panella de folha, e conversavam a respeito dos tempos passados, quando formavam os ramos verdes do pinheiro.

«Como eramos felizes n'esse tempo! diziam. Todas as manhãs tinhamos para almoçar as perolas e rubis do orvalho. O sol alegrava-nos e aquecia-nos durante todo o dia, os passarinhos contavam-nos historias tão bonitas! E como eramos ricos! As outras arvores não tinham folhas senão no verão; mas o pinheiro, nosso avô, usava um bello vestido verde, tanto no verão como no inverno.

«Mas coitados de nós! veio a revolução, sob a fôrma de rachador de lenha, e a nossa familia foi dispersa pelos acontecimentos. O tronco principal ainda teve alguma fortuna: foi polido e preparado e arranjou logar em uma fragata soberba onde fez viagens divertidissimas. Os outros ramos tiveram destinos diversos; o nosso foi o de servir de luz e calor a quem quer que seja. E aqui estamos, nós, de origem tão distincta, mettidos n'uma cosinha!

«Pois a minha sorte foi diferente, disse a panella; contudo, não deixa de ter tambem alguma nobreza. Quando vim a este mundo, fui logo empregada em coser uns manjares excellentes, e, de vez emquando, mandam-me consertar. Sou utensilio indispensavel, e é tanto assim, que occupo aqui o primeiro logar. E cuidados teem commigo! Lavam-me e esfregam-me com amor de maneira que á noite, brilho que é um gosto vêr-me. E' isso que me alegra, sobre tudo quando posso conversar um bocado com os meus collegas.

«Aqui ninguem conhece muito a sociedade; só o balde foi um dia ao pateo para trazer agua; quem anda mais ao facto do que se passe é o cesto das compras, porque vae todos os dias ao mercado. Aqui para nós, acho pouco delicada a maneira que ella tem de fallar a respeito do governo; repete todos os boatos que ouve. E' um liberal, digo-lhes eu. Um dia d'estes, vinha com uma linguagem tão desaforada, que a panella de barro, minha prima, rachou com o susto.

«Estás massando com os teus discursos, interrompeu a pederneira impaciente. Tratemos antes de nos divertirmos esta noite.

«Isso mesmo, disséram os phosphoros; digam todos quem são os seus antepassados, para se vêr quem pertence á familia mais nobre.

«Nada! exclamou a panella. Não gosto de fallar da minha pessoa nem de gabar os meus merecimentos. Vamos contar historias. Quem começa sou eu. Vou contar-lhes uma de muita novidade. Verão como é interessante.

«Nas margens do Baltico, no meio das florestas da Dinamarca...

«O começo é magnifico! exclamaram os pratos todos ao mesmo tempo. Vê-se que deve ser interessantissimo!

«Foi n'essas regiões, continuou a panella, que passei a minha mocidade, em casa d'uns bons velhotes, muito pacatos. A

casa era d'um acoio extraordinario, esfregavam-me tanto e tão bem que eu luzia como um espelho. Os moveis tambem brilhavam; era a dona da casa quem os limpava; o sobrado não tinha um grão de poeira e mudavam as cortinas das janellas de oito em oito dias.

«Que historia tão agradável exclamou a vassoura. Faz comprehender bem o valor do acoio! Limpar, varrer escovar, não ha nada melhor n'este mundo.

«E lavar; não te esqueças! disse o balde, fazendo um movimento tão brusco que entornou parte da agna pelo chão.

A panella continuou a sua historia; o fim era tão divertido como o principio. Os pratos applaudiram batendo uns nos outros, e a vassoura tirou do barril do lixo umas folhas de salsa para coroar a panella.

«Não é possivel continuar o divertimento, disse ella, ninguem sabe contar melhor do que tu. Isto escandalisa-os, dizia consigo mesma. E' bem feito. Porque me despresam elles? Não comprehendem a utilidade da vassoura. A panella, ao menos, coroar-me-ha amanhã, para me agradecer.

«Agora vamos dançar, disseram as tenazes. E, dançando-se, começaram a mexer as pernas, mas tinham uns gestos tão desgraçados que uma almofada velha estalou a rir.

«Depois de fazerem bastantes piruetas, as tanazes pediram para serem coroadas, o que-lhes foi concedido.

«Ainda que lhes ponham em cima todas as hervas do universo, disseram os phosphoros, nunca hãode passar de gente ordinaria.

«Pediram ao bule que recreasse a sociedade, cantando uma *romanza*; mas elle declarou que tinha esfriado, e que não sabia cantar senão quando estava bem quente.

«E' um tolo, disseram os phosphoros; não nos acha dignos de ouvir a sua bella voz; guarda-a para o salão para quando ha visitas.

Na janella estava uma penna de pato, que servia para a cosinheira fazer contas; não tinha nada de notavel, mas era muito orgulhosa por estar cheia de tinta preta.

«Se o bule não quer cantar, não insistam, disse ella. No jardim anda um rouxinol; pedir-lhe hemos para nos fazer uma das suas melodias. Elle não tem bom methodo de cantar, mas desculpa-se esse defeito.

«A sua proposta não tem senso commum! disse a chaleira, que tambem era artista, e, por consequencia, tomava o partido do bule.

«*Sim*, continuou ella, acham razoavel fazer pedidos a um rouxinol, um estranho? O cesto das compras que diga a sua opinião.

«Eu, disse o cesto, acho tolice tudo o que estão fazendo. Perder tempo com semelhantes bagatellas! O mais natural era collocarem-se todos em fileira, dando-se os primeiros logares aos que tivessem mais merecimentos: eu dirigia tudo: já tenho visto, nas lojas, como se dispõem as coisas com gosto...

Pois *sim*! exclamaram todos correndo e atropelando-se, para obterem o logar de honra.

«N'isto abre-se a porta e appa-



rece a cosinheira. Tudo entrou em ordem, como por encanto; nem mais uma palavra se ouviu. Mas todos diziam com os seus botões:

«Se a nossa tyranna não tivesse apparecido, tinha sido para mim o primeiro logar».

«A rapariga pegou do pacote de phosphoros, e accendeu uns poucos. Deitavam todos uma chama-sinha azulada.

«Agora, pensaram elles ninguem pôde negar que temos muita importancia. Que brilho, que luz!

«Mas, de repente, arderam todos; quando tinham a sua ambição satisfeita, acharam-se reduzidos a um monte de cinzas.

—Que bonito conto, disse a sultana, entusiasmada. Como estão bem descriptos os costumes de cosinha! E que bella moral. Minha filha pertence-lhe.

—Sim, confirmou o sultão, pôde contar com a nossa filha. Fartei-me de rir; na segunda-feira proxima realisar-se-ha o casamento.

Fizeram-se preparativos para as nupcias, que deviam ser esplendidas. No domingo, á noite, mandaram illuminar a cidade e atirarem pasteis e confeitos ao povo. Os garotos não se deitaram e andaram toda a noite correndo pelas ruas e faziam uma bulha infernal: era admiravel.

«Vou mostrar lhes uma coisa muito melhor ao que tudo isto, pensou o filho do negociante. E, preciso ganhar as sympathias dos meus futuros vassallos».

E comprou bombas, foguetes de lagrimas, candeias romanas, um fornecimento completo de fogo de artificio; metteu tudo no cofre e lançou-se nos ares.

Lá de cima deitou todas as peças; eram chammass encarnadas, verdes e azues. Que maravilha! Os bons Turcos nunca tinham imaginado ver uma coisa assim! Saltavam, gritavam e dançavam, no auge da alegria.

—E' o nosso deus, não ha que duvidar, diziam elles. Como a nossa princeza ha-de ser feliz!

Depois de gastar o fogo todo, o filho do negociante foi collocar o cofre no logar do costume.

—Agora vou passeiar um bocadinho pela cidade, pensou elle, para saber o effeito que produzi.

As ruas estavam ainda cheias de gente; o futuro sultão conversou com uns e com outros e ouviu differentes descripções do fogo de artificio; cada um contava o caso da maneira, mas todos concordavam em que nunca se tinha visto um espectáculo tão admiravel.

—Eu bem vi o deus dos Turcos, dizia um; os olhos pareciam estrellas, e a barba parecia uma cascata maravilhosa.

—Tambem eu vi, dizia outro; trazia um manto de fogo, e uns poucos de anjinhos mettidos nas pregas.

O filho do negociante ouvia com prazer estas frioleiras. Na manhã seguinte voltou á floresta para se metter no cofre e ir para o palacio; mas o cofre acabara-se. Uma bomba que tiuha ficado no fundo, accendera-se durante a noite, e o cofre encantado estava reduzido a cinzas. O seu infeliz proprietario, no momento em que ia atingir uma fortuna tão brilhante, achava-se de novo condemnado á miseria. O pobre rapaz soube resignar-se, e, como tivera occasião de descobrir o seu talento para compôr historias, inventou umas poucas e ganhou a sua vida repetindo-as de cidade

em cidade; nenhuma, porém, era tão alegre como a dos phosphoros, todas tinham um fundo de melancholia.

Emquanto á princeza, esteve muitos dias e muitas semanas no terraço do palacio, á espera do noivo celestial; um viajante moderno affirma que ainda hoje lá está, olhando anciosamente para todos os cantos do firmamento. N'esse caso, realiso-se a predição da fada.

Andersen.

CHRONICA

«Assim como o somno é a imagem da morte, os sonhos são a imagem da vida», disse o Raphael dos Oradores, e é verdade.

Comigo acaba de dar-se um facto, que veio mais uma vez corroborar o dicto do grande orador e que eu passo a descrever-lhes.

O tentador filho d'Erebe havia-me envolvido o espirito nas vastas dobras da sua ampla e negra capa. Porém, quem em principio me observasse de perto, devia notar que, apesar de profundamente adormecido, o meu coração pulsava com singular violencia, e indubitavelmente no meu semblante deviam existir vestigios, embora um tanto vagos, de uma alegria desmedida, de um contentamento sem limites.

E' que eu sonhava. Mas que sonho!!... Ouvia-se ao longo uma voz femenina que cantava:

Ha uma nuvem mimosa, Tenue, ligeira, dourada, Como as que tingem o sol posto De vaga luz cambiada.

Esta nuvem nossa amiga, Nosso penhor de bonança, Noso esteio na desgraça, Esta nuvem é a Esperança.

E o ecco repetia ao longe— Esperança...

E esta palavra avivou-me a suave recordação da balada, que em tempos ouvira a um amigo:

«Donzella sê desvellada Em guardar tão bella flôr, Em guardar sempre a Esperança Risonha filha do amor.»

E eu prostrado n'um *dulce far niente* parecia ainda escutar o primeiro canto, plangente, doloroso, como se duas lagrimas furtivas o acompanhasse.

Interroguei a sereia esquiva: porque choras?

Seguiu-se um profundo silencio, d'onde a onde cortado por um suspiro. E depois ouviu-se n'um cantar melancolico:

«Porque choro?! pergunta insensata Que te importa da pobre o soffrer? Vae segnindo o caminho da vida, Não perguntas, não queiras saber!»

Era ali um mysterio vago, indefinido.

Solucar porque? Era o tormento d'uma vida aspirando á realisacção d'um sonho, buscando o Impossivel.

De repente acordei. Havia sonhado com uma visào.

E essa visào era a minha vida. «Os sonhos são a imagem da vida, como o somno é a imagem da morte.»

Eis novamente na arena o nosso *toiro*, amaveis leitoras, mas d'esta vez muito mais furioso.

Aquillo é que é dar sorte!... E sabem pelo quê?

Sómente por vor na minha *capinha* um bocadinho do seu... *pêllo!*...

Porque eu, como as leitoras sabem, apenas sou o *capinha*, isto é, só sirvo para chamar o *toiro* á arena, e para espetar as *farpas* (da critica).

Eu, verdade, verdade, sabia, como já vos disse, que o *toiro* dava sorte, mas nunca julguei que desse tanta, e com tão pouco... *capear*.

Mas um tanto melhor, assim mais occasião tereis de o *farpear*.

Mas a sério, leitoras, o homem está mesmo a pedir misericordia. Não viram que já dizia na penultima chronica que não estava resolvido a... *dar sorte!*...

E, se a deu, foi por eu copiar um *bijou*, que lhe pertencia!! Pobre homem!

Então assim te despedes de mim??

Não faças isso; não faças *Jayme*, não? Continúa a *dar casca*, perdão, a *dar sorte*, porque se o não fazes, morremos de monotonia.

Attende-me, *Jayme*, não sejas ingrato!!

E que faremos nós, se o homem não der *sorte*; sim, que faremos sem a *sorte* do *Jayme Vaireiro!*...

Teremos a coragem necessaria para nos conformarmos??...

Receio que não.

Sim; receio bem que não possamos passar sem a *sorte* do *homem dos pãosinhos*.

Dos *pãosinhos!*!...

Tem graça: ensinem-lhe o plural de pão.

Mas por  *piedade*, tenham compaixão d'elle.

Já lhes tenho supplicado isso mais que uma vez;—sejam benévolas...

Luiz Arauto.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(2.ª publicação)

No juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho correm editos de sessenta e trinta dias, uns e outros contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diário do Governo» citando pelos primeiros Antonio Gomes Leite, auzente no Brazil provincia da Bahia, e cidade de Santo Amaro, ignorando o seu estado e profissão para fallar a todos os termos até final do inventario orphonologico a que se procede por fallecimento de sua mãe Maria Gomes Leite, que foi de Cassemes, de São Vicente d'esta comarca, e pelos segundos os crédores e legatarios por ora desconhecidos para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, tudo sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 6 de Junho de 1892

Verifiquei a exactidão O juiz de direito Salgado e Carueiro

O escrivão João Ferreira Coelho (149)

Annuncios

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, veem por este meio testemunhar o seu eterno reconhecimento a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua irmã e tia, Rosa d'Oliveira Mendes.

Ovar, 18 de Junho de 1892.

Thereza d'Oliveira Mendes, Rosa d'Oliveira da Piedade Pinto, José Maria Gomes Pinto, Eliza da Piedade Gomes Pinto, Manoel Gomes Pinto.

CAZA

Vende-se na rua dos Campos uma casa alta pertencente a Ignacio Maria da Costa e Pinho. Tem quintal e poço.

AOS COMPRADORES DE SARDINHA

Os abaixo assignados, senhores e Arraes das companhias de pesca na costa do Furadouro, resolveram entre si e de commum accordo, fazer publico aos compradores dos lotes de sardinha o seguinte:—Aos que satisfizerem as quantias dentro do prazo de 15 dias a contar do dia da compra, abater-se-lhe-ha 1 e meio por cento;—aos que pagarem as quantias dos lotes comprados até ao prazo de 30 dias, ser-lhe-ha descontado 1 por cento, e aos que excederem de 30 dias por deante, que não tiverem satisfeito, nada se lhe descontará.

E para que chegue ao conhecimento de todos, se mandou fazer publico por meio d'este annuncio, o qual, para todos os effeitos, principia a ter vigor, desde esta data por deante e o assignamos.

Ovar, 12 de maio de 1892.

Os enhorios

José Pacheco Polonia, Manuel José Ferreira Coelho, João Pacheco Polonia, Francisco Ferreira Coelho.

GRANDE BARATEZA

ANTONIO DE SOUZA CAMPOS

RUA DA GRAÇA (ás pontes)

OVAR

Faz lembrar aos seus amigos e ao ill.<sup>mo</sup> publico, que tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortido de fazenda de lã e d'algodão, bem como miudezas, chapéus e guardaçoos, colarinhos, punhos etc, etc, que vende por os preços antigos.

Tem além d'isto um lindo e variado sortido de flannels d'algodão, cachénés, pannos familia e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr; riscados, zephires, lenços de malha, de merinos d'algodão, chailes pretos e de côr, merinos pura lã, grande sortido de casturinas o que ha de mais moderno, flannels de lã, picotilhos, cheviotes e cazemiras pretas e de côr, nacionaes e estrangeiras, etc, etc.

Fitas para capuchos, colletes d'espartilho, sapatos de liga e ourello, camizollas de malha, de lã e d'algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, para casacos de senhora, guarnições de seda e de lã para os mesmos, bonets em todos os feittos para criança, toucas, etc.

E além d'isto muito mais coisas que é impossivel annunciar.

Aproveitar pois, que fazendo assim baratas pouco tempo as compram; em vista dos cambios estarem altos e os novos direitos na alfandega.

Encarrega-se tambem de qualquer encomenda tanto do Porto como de Lisboa.



OS MYSTERIOS

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO  
P.<sup>o</sup> FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIRO

Com uma dedicatória  
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctoriseção do em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve  
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,  
e abençoando-o, e que foi louvado  
pelos ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo  
de Rennes, Bispo de Montpel-  
lier, Bispo de Coutances, Bispo  
de Sees, Arcebispo de Gran, Ar-  
cebispo de Turim, Bispo de Sois-  
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-  
cebispo de Auch, Arcebispo de  
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo  
de Bayeux, Arcebispo de Cham-  
bery, Bispo de Bannes, Bispo de  
Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volu-  
mes distribuida em fasciculos  
de 32 paginas de texto com qua-  
tro ou mais gravuras. Preço de  
cada fasciculo 100 reis, pagos no  
acto da entrega; para as provin-  
cias é franco de porte. Os assi-  
gnantes da provincia pagarão de  
cinco em cinco fasciculos, envian-  
do-se-lhes n'essa occasião o com-  
petente recibo. Concluida a pu-  
blicação será elevado o preço.

Distribuir-se-lhão tres fascicu-  
los por mez. Todas as pessoas  
que angariarem dez assignaturas  
e se responsabilisarem pelo seu  
pagamento, receberão um exem-  
plar gratis.

Acceptam se correspondentes  
nas terras onde os não ha; a  
commissão é de 20 p. c., garan-  
tindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livra-  
rias do reino e em casa do edi-  
tor Antonio Dourado, rua dos  
Martyres da Liberdade, 113—  
Porto, a quem deve ser dirigida  
toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES  
100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 450 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-  
res, nunca excederão o preço de  
400 ou 500 reis, como por exem-  
plo o celebre romance OS MYST-  
TERIOS DE PARIS, (5 volu-  
mes) que nos propomos publicar  
mais tarde, e que apenas custará  
CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR  
JULIO MARY

A este seguir-se-hão—O Cas-  
tello da Raiva de L. Stapleau—  
Um drama de revolução de Er-  
nosto Daudet Mont Oriot, de  
Guy de Maupassant.—O grande  
industrial e Sergio Panine de  
George Ohnet.—Clotilde de Al-  
phonse Karr.—Sapho de A. Dau-  
det.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume  
pago no acto da entrega 100  
réis.

Provincias, ilhas e ultramar,  
cada volume, franco de porte  
120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no es-  
criptorio da Empreza da BI-  
BLIOTECA ECONOMICA, T.  
da Queimada, 35.

REPORTORIO SYNOPTICO

DA  
LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA  
POR  
J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato  
grande, bom typo e bom papel  
100 réis; pelo correio 105 réis.  
Requisições á Empreza Editora  
—LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries  
de seis fasciculos.—Beco da Amo-  
reira, 9, 3.<sup>o</sup>

No prélo:—Diccionario de Ju-  
risprudencia e Legislação Portu-  
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;  
pelo correio 105 réis, pedidos á  
empreza editora—LETRAS E  
LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroico-comico, satyrico,  
em seis cantos, reproduzido  
in-extenso com todas as liber-  
dades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte  
quem enviar a sua importancia em  
estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho  
—Editora. Rua dos Caldeireiros,  
18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>  
26, Rua do Marechal Saldanha  
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

POR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação  
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao  
preço de 60 reis.

Publicada a 1.<sup>a</sup> caderneta e  
á venda n'esta localidade e nos  
escriptorios da Empreza editora,  
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,  
Lisboa, onde se dirigirão os pe-  
didos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus  
amigos e freguezes, bem como ao  
respeitavel publico, qua tem no  
seu estabelecimento um lindo e  
variado sortimento de fazendas  
de todas as qualidades, das quaes  
menciona:

Flanellas d'algodão, cheviotes  
pannos familias e domesticos, chi-  
tas pretas, brancas e de côr, ris-  
cados, zephires, lenços de varias  
qualidades, chailes pretos e de  
côr, nacionaes e estrangeiros, me-  
rinos de pura lã, castorinas as  
mais modernas, picotilhos, case-  
miras pretas e de côr tanto naci-  
onaes como estrangeiras, camiso-  
las de malha de lã e de algodão  
tanto para homem como para sen-  
hora, botões de phantasia pretos  
e de côr, guarnições de seda e lã,  
bem como muitos outros objectos  
existentes na sua loja, que é im-  
possivel annunciar.

Tambem faz publico que no  
seu estabelecimento vende fato fei-  
to, tanto para homem como para  
creanças, comprehendendo calça,  
collete e casaco de varias quali-  
dades e boa casemira, bem como  
se encarrega de qualquer peça  
d'obra que lhe encomendem.

Vende tudo por preços sem  
competidor. Portanto meus ami-  
gos e freguezes, é aproveitar  
antes que venham os nossos direi-  
tos d'Alfandega porque depois  
tudo sobe.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS  
PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.<sup>o</sup>  
de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis  
4\$000—6 mezes 2\$100  
rs.—Numero av. lso rs.  
200.

LIVRARIA CHARDRON, LU-  
GAN & GENELOUX, SUC-  
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA  
ARTES E OFFICIOS

Variadas e curiosas recei-  
tas e processos de physica e  
chimica pratica sobre artes,  
Economia domestica, Photo-  
graphia, etc.

RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surperhendentes sortes e  
experiencias, Cryptographia,  
metodos para corresponden-  
cias secretas, 27 gravuras ex-  
plicativas.

A' venda em todas as li-  
vrrarias.

Preço..... 400 réis

« ..... 420 «

Deposito—Livraria Portu-  
gueza, Loyos, 56—Porto.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **multo reduzidos** pa-  
ra todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos  
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-  
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-  
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer  
trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para  
os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Orien-  
tal.

Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-  
tam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-  
dos. agentes das companhias se lhes dirijam para obter  
qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE  
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA  
OCCIDENTAL E ORIENTAL



Preços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-  
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 reis; Ambriz e Loanda  
38\$000 reis; Benguella 142\$000 reis; Mossamedes 46\$000 reis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio  
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-  
nhias Mala Real Portugueza, Mésageries Maritimes, Mala  
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-  
sagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.<sup>a</sup>  
classe 27\$000 reis.

Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se  
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-  
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos  
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae  
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-  
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas  
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-  
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-  
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem  
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-  
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer  
terra para onde perfiram ir viver.

Passagens em todas as condições e negocio tratado  
com seriedade.

Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em  
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em  
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição  
correcta e augmentada pelo  
auctor

Sairá em cadernetas semanais  
de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.<sup>a</sup>

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO  
Major de Infantaria  
e ex-professor do Lyceu Central do  
Porto

—  
PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS  
E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

e

Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde  
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO